



A vida
é dura

Alexandre Alves

A VIDA É DURA



Pedro & João
editores

Alexandre Alves

A VIDA É DURA



Pedro & João
editores

Copyright © Alexandre Alves

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Alexandre Alves

A vida é dura. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 44p. 14 x 21 cm.

ISBN: 978-65-265-0042-2 [Digital]

1. Vida. 2. Crônicas. 3. Autobiografia. 4. Narrativas. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/ Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/ Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

O sofrimento é o melhor remédio
para acordar o espírito.
Émile Zola

Sumário

Prefácio	9
Capítulo 01 De volta a Bragança	11
Capítulo 02 O reencontro com as irmãs	13
Capítulo 03 A antiga namorada	15
Capítulo 04 Os estudos em Fortaleza	17
Capítulo 05 Sem amigos	19
Capítulo 06 Entre Ananindeua e Castanhal	21
Capítulo 07 As noites em Bragança	25
Capítulo 08 O Bar Vacaria	29

Capítulo 09	31
A docência no Ensino Fundamental	
Capítulo 10	35
“Vai, Bragantino”: o futebol de domingo	
Capítulo 11	37
O peixe é uma sorte	
Capítulo 12	39
Afazeres domésticos	
Capítulo 13	41
O Concurso	
Capítulo 14	43
A Prova	

Prefácio

Na orelha do livro “Cisne de Feltro, crônicas autobiográficas” de Paulo Mendes Campos, encontra-se uma frase interessante, atribuída ao escritor argentino Jorge Luis Borges: “toda boa literatura é, no fundo, autobiográfica”. O gênero autobiográfico, se é que é possível assim o classificar, narra acontecimentos da vida diária do autor e sua relação com as pessoas no cotidiano.

Este pequeno livro é uma narrativa ficcional, porém com um pé na realidade social. Arriscaria dizer que, com exceção dos nomes dos lugares, o restante é ficção, que representa a imaginação do autor.

Os cenários, as relações interpessoais, os sonhos, os desejos reprimidos e as expectativas e incertezas sobre a realidade expõem a vida de um jovem ao longo dos seus vinte e poucos anos. Período de compromissos e batalhas pela sobrevivência em uma sociedade brutalmente desigual e violenta, resumidos no título da obra: “A Vida É Dura”.

Capítulo 01

De volta a Bragança

- Senhor, acorde! Senti a mão do cobrador me batendo para sair do ônibus. Minhas retinas reconheceram a cidade: Bragança-PA. Após dois anos noutra *city*, voltava eu para a casa de minha mãe. As coisas, obviamente, estavam bastante diferentes. O formigueiro humano havia crescido. Até mendigos estavam andando pelas ruas. – “É. Bragança não é mais como dantes”, pensei.

Caminhei para minha casa pela Rua Nazeazeno Ferreira, a rua principal da cidade. Uns dez minutos a passos leves e minha velha morada se vislumbrou. O nosso antigo cachorro correu em desespero, pulou nos meus braços falando em choros de alegrias. Duby, o nome que coloquei no vira-lata em homenagem ao historiador francês George Duby. Simpático como sempre, o cão me cobriu de beijos.

- Lá vem o Aleixo (apelido posto pela família)! Minha mãe, claro, me abraçou sorrindo. - Meu filho está de volta. Ela quase chorou, enquanto o cachorro pulava às minhas costas uivando de felicidade.

- Deixa, Duby! Passa daqui! Até nisso as coisas em casa pareciam estar iguais. Eu entrei e senti meu fígado se alegrar. Fazia tempo. Voltar a minha simples morada era como retornar a um velho sítio depois de cinco anos.

- Mamãe, faz um café aí, estou com fome pra cacete!
Ora, eu continuava tomando muito café. Mamãe não esqueceu esse hábito permanente.

Tratei de guardar minhas malas. Abri o velho quarto. Limpinho. Parecia ser de outra pessoa. Meus livros continuavam lá, todos muito bem conservados. Finalmente vou poder ler minhas relíquias. Tal pensamento passou a ser frequente em mim.

Após tomar o cafezinho feito por mamãe olhei a hora pelo celular: 14 e 30, momento propício ao sono da tarde naquela segunda-feira de março de 2018.

Capítulo 02

O reencontro com as irmãs

Acordei às 18 horas e à frente da casa vozes cintilavam o meio ambiente. Eram as minhas irmãs que chegavam fofocando. Eduarda, Eliana e Andressa continuavam falastronas, embora houvessem engordado um pouco mais.

– Ei, mano! Eliana expressou quando me viu. – Voltou, seu cabeçudo.

Sim, quem não morre aparece (respondi). Abracei-as. Senti que não retornaria tão cedo daquela casa.

Capítulo 03

A antiga namorada

Ainda naquela noite quis ver Paula, minha ex-namorada. Passados dois anos e eu ainda não havia esquecido o meu antigo amor. Obviamente que eu imaginava: “ela deveria ter alguém”. Conquanto não fosse bonita, ela era muito inteligente e financeiramente resolvida.

Ora, eu não perguntei a ninguém sobre ela. No outro dia saí cedo. Dirigi-me até a feira livre. Entrei no banco, retirei uns trocados e pensei em ir até a residência da moça, contundo mudei de ideia. À noite faria isso.

Chegando a noite eu resolvi ir. Pensava (frequentemente): “ela deve ter outro namorado”. Porém deveria tentar e se eu a visse com alguém teria uma justificativa para esquecê-la. Ela morava no Bairro da Aldeia, próximo à Universidade Federal do Pará. Quando cheguei às proximidades de sua residência não conseguia cessar as velhas lembranças. Lembrava-me dos tempos que andávamos juntos e partilhávamos sonhos. Paula era muito divertida e seu senso de humor era contagiante. Quando decidi viajar disse a ela que não me esperasse, que seguisse a sua vida normalmente.

Nós tivemos alguns contatos, conversamos bastante ao telefone, sentíamos muita a ausência um do outro. Numa noite ela me comunicou que não dava mais, que eu estava distante e que não fazia o menor esforço para vê-

la. Tentei me justificar, pedi para ter paciência, entretanto ela não recuou. Disse para eu ficar bem e que ela queria estar em paz. Foi uma noite triste. Senti vontade de parar meu Mestrado e voltar para a Paula, porém me fiz de duro, “não vou voltar, que se dane”. Passei a me dedicar mais ainda aos estudos.

Entretanto tudo havia mudado. Eu realmente fui tentar ver Paula na noite passada. Arrumei-me com belos trajes e saí de casa umas sete da noite. Estando à frente da casa dessa, fiquei à espera. A rua de sua residência estava bastante movimentada, como antigamente. Meu olhar estava direcionado à janela do quarto onde dormíamos. Bons tempos...

Passadas duas horas, vi uma mulher caminhando na minha direção. Como de costume, trajava um longo vestido. Caminhava alegremente e eu a reconheci a 500 metros. Ela se aproximou segurando fortemente a mão de seu namorado. Eu baixei a cabeça, retirei-me rapidamente e escondi-me numa rua perpendicular. A facada foi forte em meu peito. Eu caminhei lentamente. Com as mãos nos bolsos da calça para disfarçar minha intranquilidade. Paula saiu de vez de minha vida; entretanto, a vida continuava.

Os amores passam, mas a vida fica.

Capítulo 04

Os estudos em Fortaleza

Em minhas estantes Sartre, Kant, Hegel, Eric Hobsbawm, Le Goff e outros me acompanhavam entre dias e madrugadas. As disciplinas ocorriam pela manhã, às tardes o tempo se resumia a leituras e no finalzinho do dia andava pelas coruscantes ruas de Fortaleza. Juliano e Mayara, meus colegas de morada, acompanhavam-me na empreitada. Eram bastante jovens. Juliano, o Juninho (como costumávamos chamar), era um garoto magricela. Sua barba alongada quase cobria seu rosto. Seu passatempo, além dos livros, eram os maçudos cigarros de maconha. Estando fumando tornava-se risonho, às vezes chorava de saudade da mãe e do pai.

Quando passava o efeito da droga ia à geladeira e comia como um boi. Mas comprava tudo o que gastava, sabia do efeito de seu vício. A gente não esquentava a cabeça com isso, pois ele era sempre sereno. Mestrando em Filosofia, a gente passava noites em conversas sobre Marx, Comte, Kant, Hegel, Platão, Aristóteles e outros pensadores. Embora no final do papo sempre houvesse aquele “é isso aí”, tudo aquilo não propiciava sentido à vida.

Mayara, por outro lado, falava pouco sobre estudos, passando seu tempo no celular e no *Not Book* assistindo seriados. Era minha colega no curso de Sociologia, mas pesquisávamos temáticas muito diferentes e pouco dialogávamos sobre as pesquisas em cursos. Algumas

vezes ela me dava uns trocados para eu fazer suas atividades, quando desejava sair com algum cara da cidade.

Era muito simpática e bonita, embora não ligasse muito para enfeites e padrões de beleza. Cortava o cabelo baixinho e vestia roupas masculinas e mesmo assim continuava gata. Namorava muito e era isso que lhe interessava, de fato. Ela aproveitou bastante a vida em Fortaleza.

As noites mais interessantes ocorriam quando saíamos para encher a cara. Voltávamos para o apartamento porres e, em mais de uma vez, arrumamos encrenca com a vizinhança. Uma noite um cara me socou a face. Juninho se engrandeceu, se atirou adiante do agressor, rendendo-o com um golpe de judô. Naquela noite a gente teve que se esclarecer para a polícia. Por sorte nada ocorreu para além de uma briga de vizinhos. Para evitarmos outros conflitos passamos a amanhecer nas ruas todas as vezes que enchíamos a lata.

Minha convivência com aqueles amigos foi fantástica. Me despedi de ambos numa sexta-feira. Mayara me abraçou forte, sussurrando: “Fica bem, amigo. Você é um cara muito bacana”. Eu lhe desejei o mesmo. Juninho me desejou tudo de bom. Assim, retornei para casa ciente de que aqueles dias não voltariam mais; que tudo, posteriormente, seriam apenas lembranças.

Capítulo 05

Sem amigos

Depois que me mudei da rua 13 de Maio perdi os amigos de infância. A rua Simpliciano Medeiros não me proporcionou as mesmas amizades de antes. Quando cheguei à essa rua, não realizei amigos. Ora, não poderia ser diferente, pois saí da rua de minha infância já aos 19 anos e, obviamente, a intenção era trabalhar. Eu trabalhei bastante a partir de 2007, ano que passei à nova morada. Labutei em coisas variadas como uma olaria (que já foi relatada por mim na obra “Argila Cinza”, embora lá tenha colocado o pseudônimo *Carlos Roberto*), em sorveteria e numa pousada na praia de Ajuruteua.

Em 2007, eu estudei o Ensino Médio na Escola Bolívar Bordallo. Bom, em termos de distância, a situação ficou um pouco melhor, uma vez que deslocava-me e chegava à escola um pouco mais rápido. Eu realizava a famosa dependência em duas disciplinas (Química e Matemática). Ia às aulas apenas quando estas eram trabalhadas, duas vezes por semana. Quando isso não ocorria, eu ficava na Biblioteca da escola em foco, lendo.

Como eu era repetente, logicamente assimilava fácil os assuntos de Matemática, como Matriz e Estatística, coisas que lembro bem ainda hoje. O pessoal pensava que eu sabia matemática e me pedia ajuda. Como eu já sabia o conteúdo os ajudava bastante.

Foi naquele ano que eu decidi a minha profissão: “Historiador”. Isso porque eu não desejava ser professor de Ensino Fundamental e Médio, mas alimentava a possibilidade de ser professor de Ensino Superior. Então pensei “estudar, passar no vestibular, cursar a faculdade, fazer mestrado e doutorado, passar em um concurso e exercer a profissão em alguma faculdade pública”. Simples assim. Ora, isso demorou anos e eu passei por tantas experiências boas e ruins na vida, que no final acabei por me tornar professor primário, mesmo tendo o título de Doutor.

Bem, o fato é que durante o tempo em que morei na Simpliciano não fiz por lá grandes amigos.

Capítulo 06

Entre Ananindeua e Castanhal

Em 2007 me desloquei para Ananindeua. Fui residir na casa de Tio Manuel, um dos irmãos de meu pai. A única coisa que eu tinha em mãos eram meus documentos, RG e CPF. Minha mãe me deu uns trocados, uns 100 reais que na época até valiam lá grande quantia a quem é “ferrado” na vida.

Eu me dirigi à casa de meu tio unicamente para procurar trabalho. Cheguei lá em uma tarde. Não lembro o nome do bairro, nem da rua, etc., porém lembro que meu tio tinha um filho chamado Lucas, uma esposa e um sobrinho da esposa, conhecido por César. Fiquei lá uma semana. César me conduziu por algumas lojas e supermercados. Eu andava com um envelope nas mãos, distribuindo currículos. Ele me explicou que eu deveria ter paciência, que eles iam chamar. Isto porque, segundo as elucidações de César, os patrões estavam contratando bastante naquele ano. Então fiquei na expectativa.

Entretanto, o mais interesse lá naquela rua eram as meninas. Fiz logo amizade com duas vizinhas de César, uma mulata e outra branquinha. Bonitas e simpáticas, me levaram para passear na cidade. Havia outra que também me convidou para conhecer o ambiente. Ela me apresentou sua igreja. Deu-me um beijo de despedida e fui à sua casa à noitinha. “Aqui tem muita gata, pensava...”. Contudo, depois de sete dias, o banjo

apareceu. Eu chorei bastante, fiquei triste. Não contei conversa.

- Vou voltar! Falei a meu tio. Ele também não me deu muitas esperanças, apenas disse:

- Já?!

Certamente não estava muito contente com minha estadia ali. Eu também estava incomodado por não estar trabalhando, comendo às custas de sua família. Por tudo isso eu retornei. Despedi-me de meu tio, de César, da senhora esposa de meu tio, que não recordo mais o nome e, principalmente, do menino Lucas que chorou. Eu voltei e nunca mais retornei àquela casa.

Antes de retornar pensei: “Não volto para casa em Bragança. Vou parar em Castanhal”. Nessa cidade ficaria na casa de meu tio Edimilton, irmão de minha mãe. Toda a família o conhece pelo apelido de Tatu. Não sei por que o denominam assim. Talvez por ser um homem muito baixo, deve ter menos de 1,60cm de altura.

Desci ao destino.

Tio Tatu me recebeu com muita cordialidade. Ofereceu-me um quarto e uma cama.

- Podes ficar por aqui.

Ele e Conceição (sua esposa) tinham três filhos. Os rapazes, ora ficavam na casa, ora nas de suas namoradas. Daqueles, apenas Rogério, o filho mais velho, já era pai. Ele tinha um bebê, que na época, se não me engano, tinha uns 6 meses. A criança ainda mamava. Rogério residia em sua própria casa, próxima à de seu pai.

Eu fiquei uma semana naquele ambiente. Eu pensava constantemente: “se não conseguir trabalho por aqui, retorno na próxima semana”.

Titio me disse: - eu trabalho como pintor. É. Eu pinto. Pinto casas, pinto lojas, pinto supermercados. Tudo eu pinto.

- Tio, o senhor trabalha para alguma empresa? Perguntei.

- Não. Eu trabalho em parceria como outros pintores. Quando um pintor recebe um convite de trabalho e não pode ir, então ele liga para algum amigo e este vai. Todos são competentes e fazem bons trabalhos. Todos são muito, muito bons profissionais.

Mais do que de seu trabalho, tio Tatu se orgulhava de ter vencido na vida sem ter estudo, de ser semianalfabeto e ter conseguido conquistar uma casa. A casa era pequena, com dois quartos, uma cozinha e uma sala; porém titio estava trabalhando a fim de aumentar o imóvel. No quintal tinha uns 500 tijolos amontoados, que seriam utilizados para fazer outro quarto e um pátio.

- Meu filho, se eu ficasse em Bragança, nunca que eu conseguiria ter uma casa igual a essa. A melhor coisa que eu fiz na vida foi ter saído daquela cidade. Em Bragança eu não teria nada, nada, nada. Sempre balançando a cabeça, negativizando a falta de oportunidades que sua cidade natal não lhe ofereceu.

Ele é bastante conversador, embora, em várias ocasiões, sem ter o que falar, ficava repetindo a mesma história. Sua tagarelice contrastava com a minha ausência de palavras, pois sou demasiadamente calado.

Eu fiquei uma semana naquela residência e ali também distribuí currículos, porém nada consegui.

Numa manhã, após três dias sem fazer nada, titio me levou para uma atividade. Ele disse que naquela manhã estava desocupado e que haveria um serviço.

- Vamos nessa!

Eu o acompanhei, pedalando em uma bicicleta *Monark* vermelha, emprestada por um vizinho que também foi conosco. Enquanto meu tio contava lorotas sobre sexo eu observava a cidade, as ruas, as escolas e as praças. “Castanhal é grande, pensava”. De fato, a cidade estava, e ainda está, crescendo demasiadamente. Daqui a pouco se integra a Belém.

O trabalho a fazer era prático: deveríamos ajudar a encher uma carreta com sacas de pimenta do reino. Havia um instrumento lá, parecida uma escada rolante, que conduzia as sacas. Nosso trabalho era colocar as sacas nessa escada. Mas foi cansativo demais! A gente retirava as sacas de um amontoado disposto e as colocávamos na escada rolante. Após mais ou menos uma hora de serviço concluímos as atividades.

Eu lembro até hoje quanto ganhei pelo trabalho, 10 reais. 10 reais, em 2007, equivaleriam a uns 50 hoje. Não sei como os economistas denominam este tipo de mudança na lógica monetária.

Apesar de tio Tatu ter me dado todo o aconchego do lar, eu retornei para casa numa sexta-feira. Não havia outra solução. Eu resolvi retornar para casa a fim de trabalhar para pagar o curso pré-vestibular para realizar o sonho de entrar à faculdade.

Capítulo 07

As noites em Bragança

Bragança está crescendo! - disse-me uma senhora com quem eu topei quando caminhava no finalzinho do dia. De fato, apesar do pouco tempo distante percebi muitas mudanças na urbe. Claro, não encontrei meus antigos colegas. Soube que Almir estava casado e já tinha dois filhos. O compromisso com a esposa e com os rebentos impedia novas conversas sobre a vida. Como sempre, o casamento, conceito dito tradicional, que os homens insistem a ele atribuir toda a felicidade que existe.

Outro antigo amigo, o André, foi para Belém. Deslocou-se em busca de emprego na capital.

Os antigos colegas da época da faculdade foram todos embora. Eram todos de outras cidades. Soube que uns estavam em São Paulo e outros em Santa Catarina.

Os colegas de infância, mostrados no livro “Reminiscências da Rua 13 de Maio”, não sei por onde andam. Não me ambientava mais à rua de minha infância.

Sem colegas e sem namorada passei a sair constantemente só pelas ruas da cidade. Num sábado à noite voltei ao Bar do Seu Zé Maria. Este se localiza na Rua Floriano Peixoto, umas das mais movimentadas da cidade. Estando no local, Zé me reconheceu de pronto.

- Olha aí, gordo! Bateu em meu peito com o punho da mão direita: - Tá gordo hem, rapaz!

Após explicar-lhe a razão de meu distanciamento, ele mangou de minha situação.

- Tá certo. Agora volte a trabalhar comigo.

Em 2012, na época em que eu estava na Faculdade de História, trabalhei uns três meses naquele estabelecimento. Minha labuta ocorreu somente aos finais de semana, quando o fluxo humano era maior. Minha função era auxiliar o serviço de dois garçons. Eu levava copos, latas e garrafas de cervejas, pratos e talheres. O trabalho perdurava a noite toda. Era muito cansativo, pois eu tinha que estar sempre caminhando. Contudo, aproveitava alguns momentos e tomava umas cervejas às escondidas do patrão.

Eu ganhava 70 reais por noite. Os garçons também me davam uns trocadinhos em agradecimento pelo meu esforço diário.

Porém, mesmo com o convite, não queria trabalhar no pesado. Porra! Estudei sete anos para voltar ao velho serviço? Isto, de fato, não passava por minha cabeça. Agradei o convite do antigo patrão, mas não dava, pois estava em outra.

Fiquei umas duas horas naquele bar. Coloquei a mesa próximo à placa amarela, quadrangular de um metro de altura, que ficava na borda da rua. A placa identificava o “Bar do Zé Maria”, descrevia nomes de cervejas, refeições e tira-gostos de todos os tipos. O camarada era muito prestativo, e tinha, porquanto, uma clientela fiel que mantinha seu estabelecimento vivo e cheio.

Eu fiquei umas duas horas naquele bar, tomando *Skol*. Quando o efeito começou a acelerar pedi a conta.

Voltei para casa cambaleando, mas tentando disfarçar os efeitos do álcool. Por volta de 03:00h da

madrugada cheguei ao lar. Mamãe estava acordada e abriu a porta. Dormi e acordei umas 9:00h da manhã. Levantei-me e fui cagar. O efeito pernicioso da cerveja é diarreia pra porra!

Capítulo 08

O Bar Vacaria

Vacaria era o nome do bar ou boate, que existia no centro da cidade, às proximidades do colégio Santa Terezinha. Digo boate porque aquilo era uma zona, às vezes. Eu era frequentador ativo do local quando estudante de graduação. Curioso, eu nunca fumei maconha no lugar e como era ruim de mulher, não pegava ninguém. Minhas idas ali eram exclusivamente para beber cervejas: *Cerpa*, *Skol*, *Tijuca* e *Heineken* eram as minhas prediletas. Tá certo que algumas vezes tomava caipirinha, uma mistura de água gelada, suco de limão e cachaça, o suco e a água servem para disfarçar o gosto “péssimo” do álcool.

Lembro a primeira vez que fui ao local. Foi numa festa da turma de Letras da UFPA, em alguma noite no início de 2010. A festa foi bacana, tinha muita gente. Como na época eu não sabia dançar, fiquei balançando o corpo, segurando uma latinha de cerveja para disfarçar a timidez. Os colegas de graduação ficaram por lá se remexendo bastante ao som do brega, do tecnobrega, do forró e de um tal de sertanejo universitário que apareceu para estragar o sertanejo clássico. O pessoal universitário adorava o tal sertanejo universitário. No clímax tocou o carimbó, uma dança típica da região que todo mundo dança girando. Eu, já meio chapado, entrei na dança e dancei, eu acho que o fiz, fiquei lá girando. Eu não danço

quase nada até hoje, mas quando estou meio porre (digo meio porque não sou louco de encher a cara até cair) eu me atrevo a sapatear, de fato.

É apenas isso. Não lembro de mais nada que ocorreu naquela noite.

Capítulo 09

A docência no Ensino Fundamental

Como pretendia, de fato, trabalhar, comecei, então, estudar para concursos públicos. Eu não tinha boas recordações de concursos, pois todas as minhas experiências foram de reprovações, ou, em algumas vezes, classificações, porém jamais fui convocado. Mas enquanto não vinha a aprovação, consegui um trabalho temporário de professor primário numa comunidade rural denominada Bacuriteua, mesmo local em que realizei minhas pesquisas para concluir a graduação.

O pessoal da localidade era simpático e me recebeu muito bem. Eu trabalhei História e, como não havia professor à disposição de Ensino Religioso, também exerci tal função.

Trabalhava pela manhã e pela tarde; à noite, o tempo útil era para estudar para concursos públicos.

Durante minha estadia fiz amizade com uma professora de Português, Marcela, a “Marcelinha”, como o pessoal na escola denominava. Ela me conduzia em seu carro. Ela era baixinha, devia ter seus vinte e oito anos, não muito magra, cabelos encaracolados, peitos não muito grandes e bumbum arrebitado...do jeito que eu gosto. Eu tentava desviar meu olhar, mas não conseguia. É claro que fazia isto sempre como muita discrição. Ela era casada, embora não tivesse filhos. Usava, quase sempre, calça

comprida preta, o que a deixava mais sensual. Eu olhava, sentia desejo, mas nada de chegar junto.

Um aluno chegou para mim: “Que gata, hem, professor?”. Eu respondi: “Fica na tua, que não é pro teu bico”.

Marcela e eu fizemos boa amizade. Ela era boa de papo; eu, claro, sempre a fim de pegá-la. Mas perdi as esperanças depois dela ter recusado alguns convites pra sair. Fiquei só na vontade.

De resto, a experiência foi boa. A maioria dos alunos era interessada e realizava as atividades de maneira pontual, exceto os alunos do sexto ano, uns verdadeiros diabinhos. Eram duas turmas. Eles ainda me diziam;” Ê, professor, aqui é a gente que manda”. Aqueles garotos me deram muito trabalho. Por diversas vezes tive que chamar a coordenadora pedagógica para me ajudar a controlar a situação. “Não deixe eles tomarem a sua força, professor! Não deixe!” O pior de tudo foi que eles tomaram as minhas forças. Eu fiquei até relaxado. Passava atividades e deixava os moleques bagunçarem. Vez ou outra os repreendia com palavras, para demonstrar certa ordem. E assim ia levando. Moleques mal-educados do cão! Pensava. Eu suportei aquelas turmas. No âmag, sei que meus conhecimentos para eles foram rasteiros.

De resto, os colegas professores eram muito bacanas. O Marcos, professor de Geografia, era brincalhão, contava piadas na secretaria e divertia a todos. Conversávamos bastante antes e depois dos intervalos. Mas nossos diálogos decorriam apenas na escola, pois fora desta, nada acontecia. Nas vezes em que o vi pelas ruas de Bragança, ele não me olhou. Tudo bem! Eu entendia...

trabalho é trabalho, fora dali todos têm suas vidas particulares e ninguém é obrigado a falar com o outro.

O professor Gustavo, de Matemática, era de pouco papo. Andava sempre com os livros embaixo das axilas, e quando passava próximo de mim apenas sacudia a cabeça indicando positividade. Falava pouco até mesmo nas reuniões colegiais.

A professora Hilda, de Educação Física, tinha mais ou menos 1,70 cm de altura e deveria pesar uns 140 kg. Eu ficava pensando: esta mulher dá aula de Educação Física. Imagine! Tinha bom humor, botava os meninos para jogar futebol, vôlei ou outros esportes, e se sentava na borda de um pequeno campo de futebol poeirento que ficava à frente da escola e que era improvisado para as aulas diárias. Assim, ela levava a vida.

Havia também umas pedagogas por lá, fofocando nos corredores e na cozinha da escola. Era por meio desse pessoal que eu sabia das novidades da comunidade.

A diretora era a Lúcia Fonteles. Ela era parente de uns políticos importantes de Bragança. Ia pouco à escola, geralmente umas duas vezes por semana. Estando na localidade, concentrava-se nos trabalhos burocráticos.

Mas o pessoal não perdia uma. Corria rumores de que a diretora tinha um caso extraconjugal com um rapaz de 18 anos, morador da comunidade, e que passava mais tempo em companhia de seu amante do que na escola. O possível fato incomodava a mulherada da escola, uma vez que a diretora era uma mulher de quase 50 anos. – É porque o marido não dá mais no couro. Brincava Marcos. E eu ria muito daquelas conversas.

Eu trabalhei seis meses naquela escola, e foi muito divertido. Deixei-a após ser aprovado em um concurso público, no início de 2018.

Capítulo 10

“Vai, Bragantino”: o futebol de domingo

O Bragantino Futebol Clube passou, em 2017, a disputar a primeira divisão do Campeonato Paraense. Em Bragança, a equipe jogava no Estádio do Diogão, que na realidade parece ser um Dioguinho, pois é pequeno. Creio que não suporta 10 mil pessoas. Além do mais, não tem nenhuma cobertura e, quando chove, o povo fica todo molhado (coisa do “progresso nacional”). Eu fui algumas vezes assistir o Braga, principalmente em 2018.

Lembro do jogo contra o Remo e outro contra o São Raimundo. Apenas no segundo o time local saiu vencedor. O estádio praticamente cheio e as camisas coloridas de vermelho e azul ilustravam o ambiente. “Vai, Bragantino!”, gritavam alguns torcedores. Eu fiquei a observar atrás de uma das áreas. O “Braga” até jogou bem, tudo indicava que seguraria um zero a zero; porém, no final do jogo, o Remo marcou um gol de cabeça e o placar terminou 1 x 0.

Tudo parecia caminhar a um fim tranquilo, porém a torcida organizada do Clube do Remo iniciou uma briga pesada. Uma multidão se juntou e começou uma pancadaria. Eu fiquei do lado do campo, sondando aquilo sem me aproximar. A polícia atirou cassetetes, e se imiscuiu no meio da confusão.

Depois de certo tempo tudo ficou mais calmo e eu pude sair de lá. No portão encontrei minha irmã e meu

cunhado. A moça estava irritadíssima e xingava “deus e o diabo”.

- Ela recebeu uma pedrada na cabeça...Disse meu cunhado, em tom de risos e seriedades.

- Minha irmã apenas dizia: -Willian, “umbora” daqui, umbora” daqui...E voltamos, rindo do azar de minha mana.

Capítulo 11

O peixe é uma sorte

- O peixe é uma sorte! Assim se expressa meu pai, que é pescador. O velho fica grande tempo da sua vida nas águas do Rio Caeté. Seu Benedito deu um duro danado na vida. Trabalhou na agricultura quando criança. Quando relembra o passado, se reporta ao tempo em que as oportunidades no sítio eram escassas. Disse-me certa vez que seu pai era um homem muito perverso, que surrava os filhos que se negavam a trabalhar no “cabo da enxada”. Ele não estudou, pois meu avô não deixava: - Estudar, para o papai, era coisa de vagabundo, a gente tinha que trabalhar. Seu Benedito não estudou, teve que trabalhar no “cabo da enxada”, “do terçado”, “da pá” e nos instrumentos de pesca,

Bom, disso não tenho nada a reclamar. O velho Benedito deixou seus filhos estudarem, embora a gente não escapasse das “surras”. Na juventude se mostrou um homem revoltado, culpando os filhos por sua “vida dura”. – Seus “filhos de uma égua”. Às vezes nos violentava com palavras, mostrando desprezo pelas criaturas que ajudou botar no mundo.

Homem forte e muito dedicado ao trabalho, papai pesca peixes. Ajeita seu barquinho e vai para o “Inferninho”, praia onde realiza suas atividades laborais. Vez ou outra me convida para fazer uns cálculos de

quanto ganha com as pescarias. Soma os quilogramas de gó, de bandeirada, de arraia, etc.

- Dá pra tirar o do pão! Diz ele ao se referir à quantidade adquirida na pescaria.

Quando está boa a empreitada, papai fica contente, pois retira seus soldos. Todo o esforço que estabeleceu é recompensado pela venda barata dos quilos. Entretanto, existem momentos em que o peixe está escasso e, nesses momentos, os ganhos são muito baixos.

Capítulo 12

Afazeres domésticos

Mamãe cuida da casa: lava roupa, louça, varre e faz comida. Mulher batalhadora. Desde as minhas primeiras lembranças de infância, recorde de minha mãe conduzindo um facão para cortar matos na pequena plantação de nossa propriedade. Ela ajudava muito meu pai nos trabalhos campestres, na época em que morávamos na Vila do Cajueiro, ou Pinheiro, como o pessoal costumava chamar, por ser um pouco mais distante da chamada sede do Cajueiro, local onde haviam as tabernas, a escola, a Igreja, o campo de futebol e a pracinha.

Quando viemos morar em Bragança, Dona Maria começou a trabalhar em casa de família. Trabalhou, inclusive, uns 10 anos em casa de um pessoal que era proprietário de uma empresa de ônibus. Quando saiu de lá, não recebeu sequer um centavo como direito; e, por respeito e consideração aos patrões não requereu seus direitos trabalhistas. Ela ainda pensou em brigar na justiça, mas acabou desistindo.

Em casa, mamãe vive cuidando dos afazeres. Vez ou outra me esculhamba por eu ser bagunceiro (molho todo o banheiro quando tomo banho). Eu procuro ajudá-la lavando as louças quando estou em casa; porém ela diz que “não é necessário”. Eu sinto que abusamos de mamãe, entretanto é difícil fugir dos valores e modos de vida impostos pelo patriarcado. A relação de meu pai com

minha mãe é marcada por muitas brigas e pouco amor. Desde minha infância lembro dos xingamentos e violências verbais, que em grande parte partia de meu pai. Eu me questionava sobre o porquê de todos aqueles palavrões e ofensas. Mesmo que a vida fosse dura, não era necessário tanto desamor. Com o tempo fui percebendo que isto compõe parte da vivência de muitos brasileiros. É herança de uma sociedade construída na brutalidade da colonização escravista.

Mas nunca perdi o apoio de minha mãe. Ela me auxiliou nos estudos fornecendo-me, em diversas vezes, o pouco dinheiro que conseguia por seu trabalho e esforço. Apoiou-me tanto no meu período de mestrado, quanto em minhas andanças por cidades paraenses realizando concursos públicos.

Eu entendia perfeitamente quando ela chegava em casa estressada e esculhambava todo mundo, pois além de terminar de fazer trabalhos “na casa dos outros”, ainda trabalhava em casa. Se estressava por tanta bagunça que seus filhos praticavam quando ela estava fora.

Capítulo 13

O Concurso

No Brasil as coisas não são fáceis. Os investimentos em educação ainda são incipientes para o elevado número de jovens formados por faculdades. Houve um crescimento da expansão universitária, contudo a demanda de emprego é pouca. Os formados na área da educação geralmente trabalham contratados nas prefeituras ou no Estado; ou, o que é mais difícil, fazem concursos públicos. Os concursos são muito concorridos e exigem dos candidatos muita dedicação e empenho para terem chance de serem aprovados.

Depois de certo tempo trabalhando de contrato, resolvi que estava na hora de passar em um concurso público. Então eu segui as orientações do filósofo “Seu Madruga”, e passei a devorar os livros. Bom, desde muito jovem me esforço para ser um grande leitor, mas agora deveria estudar para concurso. Ler com seriedade.

Então comecei a estudar; ler livros de História (Thompson e Hobsbawm), minhas leituras preferenciais desde a graduação. Porém, um “cara” me disse: - Ei, lê livros didáticos. É isto que cobram. Eu pensei: “Melhor ainda”. Peguei um livro didático escrito por um tal de Gilberto Contrim e comecei ler. Lia tanto que minha mãe me via falando sozinho de madrugada: - Esse menino tá virando bicho de noite e não dorme. Eu lia e lia. Estudava

também Português e Informática, além de Legislação da área educacional.

No início de 2018 comecei fazer concursos novamente. Havia parado por um tempo, devido a meus compromissos com o mestrado. Então observava o site do PCI Concursos constantemente. Até que encontrei um que me interessava: Ipixuna do Pará, o nome da cidade. Consultei na internet e encontrei uma Nova Ipixuna. Perguntei a minha irmã se ela iria fazer, ela respondeu: “Estou pensando”. Falei a ela sobre Ipixuna e disse que a cidade ficava distante, no Sul do Pará. Inobstante, minha irmã esclareceu que havia duas cidades com o nome Ipixuna, e que uma ficava aqui pelas redondezas, às proximidades de Paragominas. Então estudei com calma o município e realmente, Ipixuna ficava próximo. Distância de uns 300 km de Bragança. Desta feita, optei por esse lugar.

Estudei durante um mês, noturnamente, para conseguir uma das seis vagas disponíveis para professor de História. Para facilitar minha vida realizei a seguinte estratégia: no caso dos conhecimentos específicos da área estudaria pelos textos escritos, em papel ou PDF; e os outros conhecimentos, Informática, Português e Legislação, estudaria pela plataforma de vídeos *Youtube*, pois o tempo para ler as temáticas e objetos de conhecimentos requeridos era curto demais. Meu estratagema deu certo, acertei 67% da prova, e como a nota não foi tão alta, devido à complexidade do exame, consegui me classificar em quinto lugar.

Capítulo 13

A Prova

A prova foi realizada lá num dia de domingo de março, se não engano o período. Uma semana antes da prova eu e uma amiga havíamos pesquisado bastante sobre locais para dormir na cidade e estava tudo ocupado, não havia mais vagas para descanso antes da prova. Eu pensei em dormir em Paragominas, cidade que, pelos indicativos do *Google Mapa*, ficava a aproximadamente 50 km de Ipixuna.

Depois de muitas buscas, Maria se lembrou de uma amiga que residia na cidade de Irituia. Irituia, de acordo com nossas pesquisas, localiza-se a cerca de 2 horas de ônibus até Ipixuna. Então fomos para o local combinado. Dormimos na casa da amiga de Maria. Ainda deu tempo de assistir uma festinha de Carimbó. Depois descobri, por meio de um cara de Irituia, que ali era a terra do Carimbó. Bem, não sei se isso é verdade, mas o fato é que Irituia é uma cidade bastante simpática.

De madrugada o pai da amiga de Maria nos levou para Ipixuna. Eu realizei a prova numa escola intitulada Fernando Guilhon (depois descobri que o dito tinha sido governador do Pará, nos anos de 1970).

Chegamos ao local da prova no momento certo. Eu, inclusive, encontrei uns colegas de graduação, com os quais fiquei jogando conversa fora. Depois de uns trinta minutos entrei para fazer a prova.

Quando peguei a prova e comecei a folhear, senti que ela sorriu para mim. Então pensei: “Este é meu dia”. Respondi todas as questões dentro de um tempo hábil e, no outro dia, quando conferi o gabarito das questões, anotei 67% das questões. Porém, troquei mensagens via *Facebook* com o Renato, meu colega de graduação, e ele me disse que havia se dado mal na prova e que a maioria dos colegas que fizeram não haviam conseguido atingir o mínimo de 60%, o que era obrigatório para chegar à próxima etapa, que seria a fase de títulos.

Exatamente como o colega havia me dito, consegui avançar para os títulos e desta fase para a aprovação em 4º lugar. Dois meses depois, um funcionário da prefeitura me chamou para participar dos últimos procedimentos, como entregas dos exames na sede da Prefeitura. Fiz como combinado, e finalmente passei a exercer a docência no Ensino Fundamental. Só não imaginava que seria tão difícil ensinar. Mas, isto é cenário para outro livro.

A vida é dura nos remete a uma reminiscência da aurora de nossa vida, um tempo áureo que conduzirá o leitor a um passado longínquo de sua infância, sentirá o conforto materno, e o cheiro do café fraternal que só sua matriarca sabia fazer. Assim como navegará em devaneios de um grande amor que outrora foi importante. Sem falar de grandes amigos que no limiar da vida partem e nos deixam de alguma maneira ficando apenas doces lembranças no seguimento de nossa caminhada. O livro também lhe falará de quão frustrante a vida pode ser quando aprendemos que nem todos que conhecemos querem nos ajudar ou nos ver melhor que eles. Assim, às vezes somos mais bem tratados fora de casa por um estranho que por um familiar. Mas todos estão procurando algo, que seja para sua vida como necessidade ou somente como souvenir. Relata também pessoas queridas que com o passar do tempo saem de nossa vida de alguma forma, pois a dinâmica que ela (a vida) nos impõe, não concede muito tempo nem regalias para nossas decisões, entretanto no final das contas, quando você lutou e passou por todas as barreiras que cruzaram seu caminho, o gosto da vitória é certo, porém a vida é dura.

Herom Franklin Pinheiro Rodrigues

Professor e escritor

Ipixuna do Pará, 31 de agosto de 2022

